



MEMÓRIA DE UM TERRITÓRIO NA PEQUENA ÁFRICA

Ana Luiza Fernandes da Silva ¹

RESUMO

O presente trabalho busca analisar as intervenções urbanísticas no antigo Largo de São Domingos, no Rio de Janeiro, em dois momentos históricos no século XX (Primeira República e Estado Novo) com a destruição total do território. Visto que, historicamente, o espaço urbano brasileiro tem prisma a busca pela modernidade e civilidade, no entanto é importante compreender quais territórios e corpos são vinculados a esse ideal. Além disso, será abordado brevemente a dimensão territorial e suas implicações para o reconhecimento do território como negro e pertencente a Pequena África.

Palavras-chave: Largo de São Domingos; Branqueamento; Território negro; Pequena África.

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the urban interventions in the former Largo de São Domingos, in Rio de Janeiro, in two historical moments in the 20th century (First Republic and Estado Novo) with the total destruction of the territory. Since, historically, the Brazilian urban space has been characterized by the pursuit of modernity and civility, it is important to understand which territories and bodies are linked to this ideal. In addition, the territorial dimension and its implications for the recognition of the territory as black and belonging to Little Africa will be briefly addressed.

Keywords: Largo de São Domingos; Whitening; Black territory; Little Africa.

INTRODUÇÃO

O Rio de Janeiro de acordo com a historiografia da escravidão foi a cidade que mais recebeu escravizados durante três séculos de tráfico Atlântico das populações africanas no Brasil. Segundo a historiadora Monica Lima (2018), em consonância com o africanista Alberto da Costa e Silva, aponta que 60% de africanos foram destinados aos portos do Rio de Janeiro, sendo no Cais do Valongo o maior quantitativo destes portos entre XVIII e início do século XIX. É importante ressaltar que o Brasil foi o último país a abolir o sistema institucionalizado da escravidão.

Portanto, a cidade do Rio de Janeiro pode ser inserida na terminologia *cidade negra* elaborada pelo historiador Sidney Chalhoub. Dado que, o tecido social é marcado pelas

¹ Historiadora. Mestranda em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, analuzafsilva@gmail.com



significações, práticas e politização de determinados grupos presentes historicamente no território, sendo importante exemplificar que:

Em suma, a formação da cidade negra é o processo de luta dos negros no sentido de instituir a política. (...) Ao perseguir capoeiras, demolir cortiços, modificar traçados urbanos — em suma, ao procurar mudar o sentido do desenvolvimento da cidade —, os republicanos atacavam na verdade a memória histórica da busca da liberdade. Eles não simplesmente demoliam casas e removiam entulhos, mas procuravam também desmontar cenários, esvaziar significados penosamente construídos na longa luta da cidade negra contra a escravidão. (CHALHOUB, 2011. p.232)

Mediante este pano de fundo, as lutas pelo reconhecimento da memória social e territorial negra no Rio de Janeiro permeiam as mudanças urbanas em diferentes temporalidades por meio de um imaginário moderno de cidade. Tais processos podem ser observados nas governanças de Pereira Passos entre 1902 à 1906 e de Henrique Dodsworth 1937 a 1945, na qual o geógrafo Renato Emerson dos Santos caracterizou como políticas de branqueamento populacional que impactaram na constituição de memória de uma cidade negra.

Diante o exposto, o presente trabalho, que se encontra em fase inicial, tem por objetivo analisar as intervenções urbanísticas no antigo Largo de São Domingos promovidas em dois momentos históricos no século XX (Primeira República e Estado Novo) como também, suas implicações para o reconhecimento do território como negro e pertencente a Pequena África na área central da cidade do Rio de Janeiro.

Dentre as lutas dos movimentos negros na década de 1980 é fundamental para os avanços e conquistas no reconhecimento da presença negra no território pelo caso da Pedra do Sal, já em 2009 a reivindicação nominal da área central do Rio de Janeiro como Pequena África ganha proporção após as intervenções urbanísticas do Porto Maravilha com a redescoberta do Cais do Valongo e a movimentação de intelectuais negros, ativistas locais e embargo patrimonial à obra. É importante ressaltar que a nomeação Pequena África ativa valores semânticos, simbólicos e de memória da relação direta da presença negra no território, seja no período escravista tanto quanto no pós-abolição com a dimensão territorial do Porto à Praça Onze na área central do Rio de Janeiro. A designação territorial Pequena África por Heitor dos Prazeres no início do século XX e ressignificada ao longo dos períodos por intelectuais negros/as, ativistas locais e na contemporaneidade ganham notoriedade internacional pelo reconhecimento do Cais do Valongo com Patrimônio Mundial pela Unesco (2017). Mas, o reconhecimento estatal vem por meio da pressão dos grupos presentes no território e dos movimentos negros para a patrimonização de diferentes temporalidades e espacialidades de lugares de memória negra como: Pedra do Sal, Cais do Valongo, Jardim Suspenso do Valongo



entre outros por meio de circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana com o Decreto N.º 34803 de 29 de novembro de 2011.

No entanto, é importante ressaltar que de acordo com Santos (2022) a dimensão territorial identificada pelo poder público não condiz com a demarcação de Prazeres, em consonância com a geógrafa Paula Fernandes da Silva (2019), a dimensão racial da cidade está inscrita em diversas camadas da história e foram muitas vezes minimizadas no estudo das cidades e da sua formação. Ao mobilizarmos a categoria explicativa *branqueamento do território* que tem por análise três dimensões conceituais; branqueamento da cultura, branqueamento da imagem e branqueamento da ocupação, podemos perscrutar os discursos e práticas de gentrificação nas reformas urbanas na área central do Rio de Janeiro.

Sendo assim, serão articulados levantamentos bibliográficos e mapeamento territorial para elaboração argumentativa do antigo Largo de São Domingos enquanto território negro e pertencente a Pequena África. Pois, o Largo situava-se na atual Avenida Presidente Vargas próximo ao DETRAN com uma dimensão territorial da Rua Camerino até as proximidades da Praça Tiradentes, na área central da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, é de suma importância ressaltar que este trabalho se encontra em fase inicial e faz parte de uma investigação maior no mestrado, bem como a escassez de trabalhos científicos sobre essa temática.

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Como já foi mencionado para o desenvolvimento deste trabalho houve o levantamento bibliográfico e mapeamento das intervenções urbanas por meio das fontes iconográficas digitalizadas do acervo geral da Cidade do Rio de Janeiro, da plataforma ImagineRio. Nessa linha, as fontes serão mobilizadas aos debates teóricos-metodológicos sobre branqueamento, território, memória e Pequena África.

Ao abordar dois momentos históricos podemos elaborar generalizações, mas o foco principal dessa investigação será como períodos distintos proporcionaram modificações parciais ou total do território com influências de ideologias de branqueamento, seja populacional, já que se trata de um território negro, como paisagístico na compreensão da cidade como expressão da vida urbana. Dentre as estratégias de branqueamento o espaço urbano ganha dimensões políticas, mesmo que com discursos diferentes Rodrigues Alves e Getúlio Vargas.

Para isso o geógrafo Maurício de Abreu (1997), nos apresenta o panorama das políticas de higienismo entre o final do século XIX início do século XX como vetor dos interesses

governamentais de limpeza urbana e de planejamento das cidades, ao abordar o caso do Rio de Janeiro, então capital no período, Abreu nos mostra toda a força e dinâmica das modificações urbanas na circular do indivíduo. Já o historiador Sidney Chalhoub, aborda como demolições de cortiços em prol de tais políticas (já mencionada) apontam para um caráter eugênico das remoções e classificação do poder público da população negra e pobre como “classes perigosas”.

No mesmo sentido o geógrafo Renato Emerson nos mostra como a formação do território e que,

“A naturalização da remoção como solução para problemas urbanísticos, de saúde pública, ou mesmo de risco geológico, e mesmo os discursos críticos que a apontam como limpeza social ou favorecimento ao capital imobiliário, pouco ou nada apontam a componente racial inerente a todos os episódios em que tal política foi mobilizada.[...] branqueamento do território é também a tônica de grande parte destas intervenções e transformações, lidas e significadas através de conceitos como gentrificação, renovação, revitalização, ou mesmo remoção.” (SANTOS.2018. p.472)

Já no governo Vargas a ideologia eugenista permanecia de uma forma mais moldada, o historiador Thomas Skidmore aponta para o discurso de embranquecimento cultural com a substituição do termo “cultura negra” para “cultura brasileira”, ao enfatizar que a homogeneização da cultura pelo poder público contribuiu para um apagamento narrativo da população negra. Portanto, os autores abordados até aqui são essenciais para a análise da construção dos mecanismos governamentais para o branqueamento do território, além da formação do território brasileiro diante das conjunturas históricas de grupos marginalizados como é o caso da população negra, o conceito chave para esse trabalho *branqueamento do território* de Renato Emerson dos Santos, para compreender os mecanismos de segregação nas dimensões territoriais como ocorreu no antigo Largo de São Domingos.

Além disso, a categoria explicativa pode ser observada por meio de três dimensões (i) branqueamento da ocupação, (ii) branqueamento da imagem e (iii) branqueamento da cultura, a primeira diz respeito a modificação populacional de um território, como é o caso das demolições de cortiços (habitações ocupadas majoritariamente pela população negra) no Largo diante da abertura de uma avenida, a atual avenida Passos. Já o branqueamento da imagem pode ser compreendido por meio da escassez de trabalhos sobre o território e por consequência a presença negra no processo histórico do território. E o terceiro, o branqueamento cultural do território em que a composição de símbolos de identidade cultural são invisibilizados, exemplo é a concentrava diversas cortiços e atividades negras no território, como a uma das casas da Tia Ciata e saídas de ranchos carnavalescos como denota Roberto Moura bem como o caráter racial



da formação do próprio território que fora fundada e nomeada a partir da instalação de uma irmandade negra, ou seja, uma igreja preta, a Igreja de São Domingos .

“Para Tia Ciata e sua geração de baianas-festeiras tradicionais, mas que por sua posição defensiva na sociedade da época eram circunscritas, nessa vocação, ao âmbito de suas casas e ao Carnaval popular do largo de São Domingos. [...] baiana Bebiana, irmã de santo da grande Ciata de Oxum, é figura central da primeira fase dos ranchos cariocas, ainda ligada ao ciclo do Natal, guardando em sua casa, no antigo largo de São Domingos, a lapinha, em frente à qual os cortejos iam evoluir no dia de Reis.” (MOURA. 1995. p.86)

Para que tenhamos mais embasamento para a discussão do Largo como Território negro, Raquel Rolnik aponta que os territórios negros não estão apenas ligados à história de exclusão da população negra, mas também de construção de singularidade e elaboração de um repertório comum. (ROLNIK. 2007. p.2). Ademais, as cidades negras que tecem as redes de sociabilidades e estratégias de sobrevivência, tendo em vista, que:

Outros pontos focais do território negro urbano eram os mercados e espaços das irmandades religiosas negras. Nos mercados abasteciam-se os vendedores e as “negras de nação”, quituteiras que se espalhavam pelos espaços públicos da cidade; ali também situavam-se os ervanários africanos, fundamentais para as práticas curativas dos pais-de-santo e as obrigações de seus filhos. As irmandades funcionavam como ponto de agregação. Em seus terreiros, nas festas religiosas, os negros dançavam o batuque. (ROLNIK. 2007. p4)

Assim, territórios urbanos, espaços vividos, apontam para identidades e construção de grupos sociais. Nesse sentido, de acordo com o antropólogo Alex Ratts os territórios negros são espaços apropriados, marcados, qualificados, por grupos negros, ainda que não sejam exclusivos (RATTS, 2012, p. 232). Sendo assim ao observarmos o Largo como um território negro nos possibilita argumentar o que o historiador Flávio Gomes afirma ser a constituição do racismo contemporâneo que faz desaparecer uma parte da história, a memória social e cultural dos libertos (GOMES, 2003, p.39) e dos territórios negros. E ainda ao ampliarmos a perspectiva territorial da Pequena África como Santos (2022) nos mostra, diferentes temporalidade e múltiplos territórios serão abordados além do discurso oficial do poder público, evidencia o percurso para a patrimonialização da Pequena África, mas também lista pontos com outras dinâmicas espaciais correlatas para além da zona portuária, como a igreja de São Domingos “todas estas são localizadas fora da Zona Portuária, o que já nos enuncia o alargamento espacial da reivindicação negra sobre a Pequena África”.(SANTOS. 2022.p.222).

Porfim outra categoria de grande relevância é do do historiador Michel Pollak (1992), com conceito de *enquadramento da memória*,



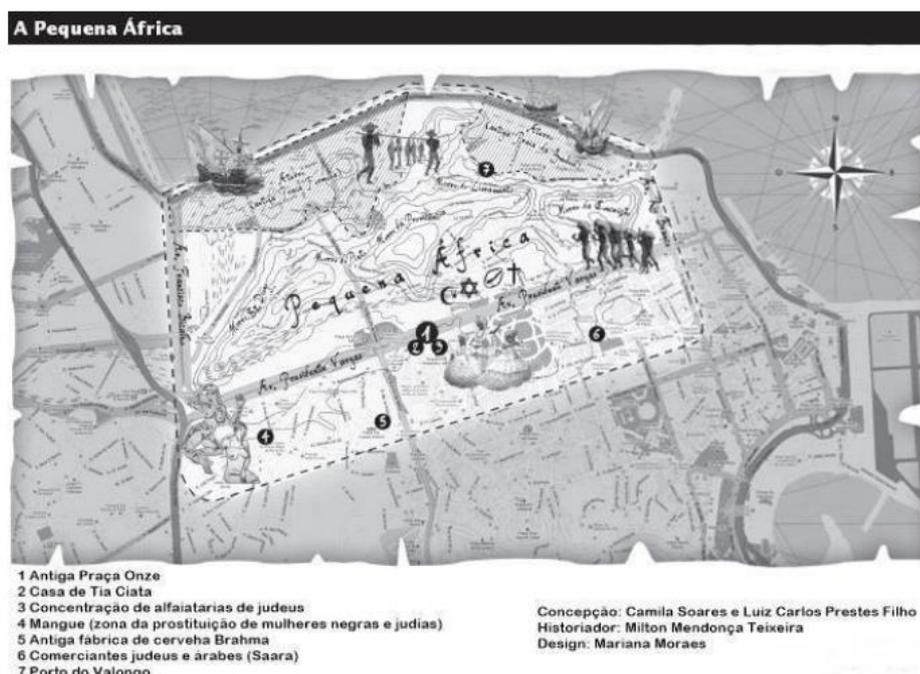
O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente O passado em função dos combates do presente e do futuro.(POLLAK.1992.p.9)

Na “Pequena África” no âmbito político e social por meio de projetos racializados que excluíram o corpo, cultura e lazer da população negra. Não obstante, é necessário pensar nas formas de perpetuação e enquadramento da dimensão territorial para além da zona portuária por meio do silêncio do Estado. Para Pollak o não dito é parte fundamental na disputa de memória, no caso brasileiro, com os grupos e entidades culturais afro-brasileiros ao lutarem por sua memória negra dentro do contexto nacional como é o caso da Pequena África bem como o reconhecido do antigo largo de São Domingos.

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Ao retomarmos as discussões acerca da busca de resgate historiográfico e dimensional da Pequena África, o mapeamento das grafagens espaciais negras na Pequena África são fundamentais para compreender os apagamentos da memória negra e branqueamentos promovidos por intervenções urbanas nos discursos de revitalização ou modernização do território. Para isso, o mapa base demarcação da Pequena África desse trabalho será:

Imagem 1 – Mapa temático da Pequena África



Fontes: TEIXEIRA, Milton Mendonça. O porto- ventre do Brasil Um passeio pelas ruínas da Pequena África. Inteligência Empresarial. Número 35, 2011. Capa.



O mapa denota uma amplificação territorial e diversidade negra na área central do Rio de Janeiro, ou seja, na Pequena África, demarcando a zona portuária como também o campo de Santana, zona do Mangue como áreas pertencentes a Pequena África, mas não numera o Largo de São Domingos mesmo que esteja na demarcação do mapa. É importante salientar que o Largo Além de Diversas Dimensões de experiências negras no espaço urbano em diferentes temporalidades como a demarcação nominal do território, antes conhecido como Campo da Cidade para Campo de São Domingos, está relacionada à inauguração da Capela de São Domingos em 1706, como espaço de uma Irmandade negra. Outrossim, algumas Irmandades negras foram abrigadas nas instalações da Igreja de São Domingos e outras recebem terreno como é o caso da Irmandade de Santo Elesbão e Santa Efigênia. As diversas irmandades promovem trocas culturais, conflitos étnicos e ainda o poderio institucional no território, bem como a permanência dessas Igrejas até a demolição do Largo em 1943.

Imagem 2 – O Largo de São Domingos



Fonte: Largo de São Domingos. Augusto Malta, 1913. Coleção Augusto Malta. Museu da Imagem e do Som – RJ. Apud - PAMPLONA, Patrícia. Lugares de Memória dos Trabalhadores#53: Igreja e Largo de São Domingos de Gusmão, Rio de Janeiro.(online).2020.Disponívem em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-53-igreja-e-largo-de-sao-domingos-de-gusmao-rio-de-janeiro-rj-patricia-pamplona/> Acesso.20/11/2023

Além disso, a partir do mapeamento territorial do Largo de São Domingos foram observadas intervenções diretas de branqueamento no território como é a tentativa de modificação nominal reportado no Jornal do Brasil em 1905, a retirada do chafariz ou a abertura de uma avenida que demoliu casas no Largo no período das reformas urbanas de Pereira Passos. E principalmente a intervenção definitiva com a demolição do Largo para abertura da Avenida Presidente Vargas no década de 1940.

**Imagem 3** – O antigo Largo e suas dimensões de Branqueamento territorial na Pequena África

Fonte: Elaboração Autoral/Base: Google Earth.

Assim, a produção do mapa mapeia o Largo de São Domingos com as indicações das intervenções urbanísticas sofridas (linhas amarelas), as Igrejas de São Domingos e São Elesbão e Santa Efigênia (pontos vermelhos), o Largo (pontilhados pretos) e a dimensão territorial da Pequena África (camada branca) com o intuito obter como resultados parciais redescobertas de dimensões territoriais negras na Pequena África a partir do Largo. Além de contribuir para a reivindicação territorial da Pequena África junto aos grupos locais, intelectuais negros/as e os movimentos negros na promoção de memórias, representações e disputa de lugar no território. Além de apontar as três dimensões do branqueamento formulado por Renato Emerson dos Santos, como o apagamento da sua existência e memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, este trabalho buscou relacionar diferentes campos do conhecimento como Geografia, História e Ciência Sociais para abordar o Largo de São Domingos como um território negro do mesmo modo que pertence a Pequena África. Visto que a interdisciplinaridade é uma abordagem metodologicamente estratégica para os estudos raciais frente as políticas de branqueamento no Brasil. Portanto, este trabalho tem por compromisso o resgate da memória na área central do Rio de Janeiro como contribuição para a diáspora negra brasileira e estudos a respeito de relações raciais no século XX.

Por fim, mas não menos importante, a ultima seção do trabalho é de suma importância por apresentar alguns apontamentos sobre as principais considerações da pesquisa até o momento diante eaprospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também



foram abertas oportunidades de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo em que este trabalho se inscreve, tanto quanto para diálogos com as análises referidas ao longo do artigo a respeito do Largo São Domingos.

REFERÊNCIAS

CHALHOUB, Sidney. *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2011.

FRIDMAN, Fania. *Donos do Donos do Rio em Nome do Rei. Uma História Fundiária da Cidade do Rio de Janeiro*. 1d. Rio de Janeiro. **Garamond**.2017.

GOMES, Flávio dos Santos. *Experiências Atlânticas: ensaios e pesquisas sobre a escravidão e abolição no Brasil*. **Passo Fundo: Editora da UPF**, 2003.

LIMA, Monica . História, patrimônio e memória sensível o Cais do Valongo no Rio de Janeiro. **Outros Tempos**, v. 15, p. 98-111, 2018. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/657/pdf> Acesso em: Jan.2023

SILVA, Paula Fernandes. Raça e cidade: a produção do Espaço Urbano sob a ótica das relações raciais na cidade do Rio de Janeiro, século XIX. **XIII Enanpege**. A geografia brasileira na ciência-mundo: produção, circulação e apropriação do conhecimento. São Paulo. 2019. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/423837639/Xiii-Enanpege-caderno-de-Programacao>>. Acesso em: Nov.2023

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*/Roberto Moura. 2ª edição. **Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração**, 1995

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993.

PAMPLONA, Patrícia. *Lugares de Memória dos Trabalhadores#53: Igreja e Largo de São Domingos de Gusmão*,Rio de Janeiro.2020. Disponível em: <<https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-53-igreja-e-largo-de-sao-domingos-de-gusmao-rio-de-janeiro-rj-patricia-pamplona/>>. Acesso em: jan.2023

POLLAK, Michael, *Memória, esquecimento e silêncio*. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, v.2, n.3, 1989

RATTS, Alex. Os lugares de gente negra: temas geográficos no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). *Questões Urbanas e Racismo*. Petrópolis, Brasília: DP et. Alii.; **ABPN**, 2012. p. 216-243.

ROLNIK, Raquel. *Territórios Negros nas Cidades Brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro in SANTOS, Renato Emerson dos. Diversidade, espaço e relação étnico-raciais: o negro da geografia do Brasil*. **Autêntica Editora**. Belo Horizonte. 2007.

SANTOS, Renato Emerson dos. SILVA, K. S.; RIBEIRO, L. P. ; SILVA, N. C. . Disputas de lugar e a Pequena África no Centro do Rio de Janeiro: Reação ou ação? Resistência ou r-existência e protagonismo?. In: Natacha Rena; Daniel Freitas; Ana Isabel Sá; Marcela Brandão. (Org.). **Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico**. 1ed.Belo Horizonte: Fluxos, 2018, v. 1, p. 464-491.

SANTOS, Renato Emerson dos. *Pequena África: um território negro na área central do Rio de Janeiro*. In: *Territórios Negros: patrimônio e educação na Pequena África [recurso eletrônico] / organização Renato Emerson dos Santos ... [et al.]*. - 1. ed. - Rio de Janeiro: **Letra Capital**, 2022

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: **Record**, 2006



XV
ENAN
PECE

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira. Rio de Janeiro: **Imago**, 2002.

SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro. **Paz e Terra**, 1975.